

(RE) CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA- BA A PARTIR DA DÉCADA DE 1960

Juliana da Silva Correia¹; Juarez Duarte Bomfim²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: julli_correia@hotmail.com
2. Orientador, Prof. Doutor em Geografia, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana. e-mail: juarezbomfim@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Feira de Santana, reconfiguração sócioespacial, espaço urbano.

INTRODUÇÃO:

A Cidade de Feira de Santana (**figura 3**) localiza-se a 108 km da Cidade do Salvador, capital da Bahia (**figura 2**) localizada no Brasil, (**figura 1**), e desfruta de uma localização privilegiada entre o litoral e o interior. Ao longo do tempo consolidou-se como cidade “progresso”. Com a inauguração de Brasília na década de 1960 e a onda desenvolvimentista, lideranças políticas locais buscaram inserir a cidade no cenário nacional, com perspectivas de desenvolvimento regional, buscando modernizar e revitalizar as vias centrais da cidade.

Neste período ocorria no Brasil o processo de consolidação da interiorização da modernidade, onde foram adotadas políticas de incentivo a industrialização que contribuíram para a dinamização da economia, através do desenvolvimento regional, sob o apoio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) na tentativa de maior integração do Estado da Bahia ao conjunto da economia nacional. Conforme Freitas (2008), a industrialização proporcionou mudanças estruturais na economia baiana, mudando o eixo dinâmico para o setor secundário, antes centrado na agricultura.

As perspectivas de reordenamento, controle e apropriação do espaço público, buscavam disciplinar o uso de determinadas áreas, como forma de demarcar posições e segregações socioespaciais. Estas transformações estiveram no centro das elaborações, intervenções e disputas sociais e econômicas o que de alguma forma alterou costumes e colaborou para as modificações significativas na morfologia e dinâmica da cidade, o que ocasionou o aumento da exclusão social, em virtude de problemas relacionados à urbanização e periferização.

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar algumas mudanças que foram estabelecidas para a consolidação da cidade “Princesa do Sertão”, tais como: construção do Centro de Abastecimento e o Centro Industrial do Subaé (CIS), a partir de algumas intervenções que foram realizadas na mesma, através de uma política nacional desenvolvimentista, dentro do ideal de modernização e industrialização.



Figura 1: Localização Brasil.
Fonte: www.google.com.br/imgres?q=mapa+politico+do+brasil&um



Figura 2: Estado da Bahia.
Fonte: www.sei.ba.gov.br/site/municipio/mapa/index_mapa.htm

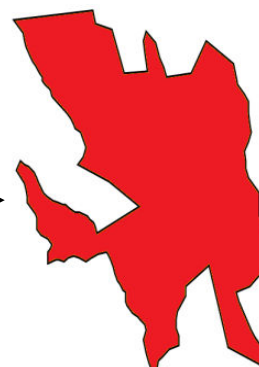


Figura 3: Município de Feira de Santana.
Fonte: Elaborado pela autora

METODOLOGIA:

Para a obtenção dos resultados da pesquisa, a metodologia empregada consistiu em um levantamento, seleção e análise do material bibliográfico e documental na Biblioteca Central e no CPEX-DCHF, ambos localizados na UEFS, sobre a existência de informações referente ao tema, como forma de tentar obter esclarecimentos e subsídios a respeito da temática investigada.

A busca eletrônica foi conduzida basicamente nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico e em sites de instituições oficiais (Ministério das Cidades; Prefeitura Municipal). Foram utilizados os seguintes descritores, em idioma português e quando necessário, sua correspondência em inglês: "saúde pública", "cidades", "desenvolvimentista", "feira-livre", "gestão do território", "urbanização", "Feira de Santana".

A partir dos materiais levantados foram realizados encontros quinzenais do Grupo de Pesquisa Observatório das Cidades (NUC-DCHF), para socialização e discussão das informações a respeito da cidade de Feira de Santana. Foram realizadas também algumas viagens de campo — para observação direta — nas ruas centrais, prédios da Prefeitura, Arquivo Público Municipal, Igrejas Católicas, CUCA, Centro de Abastecimento, Cemitério Piedade, Mercado de Arte etc., a fim de buscar compreender as mudanças na morfologia da cidade.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES:

Deste os primórdios a cidade de Feira de Santana- Ba, teve um papel de destaque na economia, antes considerada como um povoado, depois como vila e, logo após, cidade. A mesma sempre fora representativa, voltada basicamente para a comercialização de mercadorias. Conforme destaca Popino (1968), no início do século XIX, Feira de Santana já era “grande e povoada” e considerada o “maior arraial” da paróquia de São José das Itaporocas, além da pecuária já se comercializava um importante mercado de produtos agrícolas e alimentícios, apresentado como o principal entroncamento viário do interior do Estado, sendo assim considerada como cidade comercial em virtude de seu grande destaque no comércio. No século posterior fora batizada de Princesa do Sertão, reafirmando a sua premência na economia baiana.

A partir da segunda metade do século XX, Feira de Santana é alvo da política nacional de descentralização econômica, tinha-se como objetivo desenvolver o país. Esse modelo visava propiciar uma integração produtiva regional. Para tanto foram implantado o Centro Industrial do Aratu (CIA), Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e o Centro Industrial do Subaé (CIS) na Bahia. A instalação do CIS na década de 1970 (**figura 4**), na cidade visava atender ao ideário desenvolvimentista que vivia o país naquele momento, contribuindo para projetar a cidade aos níveis regional e nacional.



Figura 4: Centro Industrial do Subaé.
Fonte: <http://feiradesantana.olx.com.br/>

Deste modo, não era mais adequado para a nova situação da cidade, inspirada nas perspectivas de desenvolvida, moderna e industrializada, ser associado à figura do vaqueiro — símbolo da cidade que foi construída em torno da feira de gado — ou da feira-livre (**figura**

5) que se expandia nas praças e ruas centrais da cidade, que aos poucos fora tida como agrária, antiga. A “retirada” da feira-livre em 1977 das vias centrais da cidade visava esconder ou apagar uma feição agrária, antiga do centro da cidade através da abertura das vias centrais para o trânsito de veículos, padronização comercial e controle do comércio informal e apresentar uma Feira de Santana moderna. A construção do Centro de Abastecimento (**figura 6**) tinha como objetivo reordenar o solo urbano e criar um local exclusivo para comercialização de produtos agropecuários, alimentícios, roupas, calçados etc. E também significava para o poder local a extinção de práticas tidas remanescentes, alocando os tidos incivilizados em um local específico, longe do centro da cidade.



Figura 5: A feira-livre “ocupava” as vias centrais da cidade.
Fonte: MAGALHÃES, 1976.

Figura 6: Centro de Abastecimento.
Fonte: <http://joildoferreira.blogspot.com/>

Deve-se levar em consideração que a mudança da feira-livre para o Centro de Abastecimento foi motivada pelos ideais modernizadores relacionados com a chegada das indústrias na cidade. Visto que a década de 1970 correspondeu a muitas mudanças significativas no cenário nacional, através da descentralização econômica, com a intensificação do processo de internacionalização das economias capitalistas, onde a industrialização tornou-se peça fundamental nessa política econômica. E o Estado foi o principal impulsionador dessas transformações no redimensionamento do espaço.

Mesmo com o dinamismo do Centro Industrial de Subaé, este não possuía condições de comportar a todos que se direcionavam para a cidade em busca de emprego, selecionando aqueles que possuíam um mínimo de qualificação e o setor informal passou a ser uma alternativa de sobrevivência, onde a feira-livre e o comércio ambulante passaram a absorver a mão-de-obra ociosa e desqualificada. O processo modernizador ocorrido nos países subdesenvolvidos é poupador de mão-de-obra, gerando conseqüentemente desemprego e o subemprego. A busca pela modernização fazia com que a cidade aos poucos passasse por várias mudanças, que se davam a partir da eliminação ou exclusão daqueles que significavam impróprio, não condizente com a “nova” urbe que se queria consolidar, acarretando o deslocamento dos pobres para as áreas periféricas da cidade, realidade esta ocorrida em inúmeras cidades brasileiras e que ocasionou a exclusão social.

Dantas (2005) sinaliza que no século XIX já se podiam observar a presença do comércio ambulante nas cidades, a venda era realizada pelos escravos, que se deslocavam de porta em porta das casas do Rio de Janeiro para venderem aves, leite, frutas, carne defumada, entre outros produtos. Por meio desse relato, tem-se o registro da presença do comércio ambulante nas cidades brasileiras desde os seus primórdios, fazendo parte e construindo o drama cotidiano das cidades, com suas cores, cheiros e sons característicos. Mas o comércio ambulante no decorrer dos anos passou por uma série de mudanças, através da ampliação do número de comerciantes e posteriormente fora considerada ilegal. Como pode ser visto no calçadão da Rua Sales Barbosa (**figura 7**), que se localiza no centro da cidade de Feira de Santana, uma rua larga e ampla constituída dos mais variados tipos de estabelecimentos e ao mesmo tempo convive com inúmeras barracas (camelôs) defronte das lojas comerciais, onde

se há uma relação de “interação” e ao mesmo tempo o embate direto entre lojistas e camelôs para a comercialização de mercadorias onde se perpetua mutuamente o comércio formal e informal.



Figura 7: Calçadão da Sales Barbosa.
Fonte: <http://www.panoramio.com/>

No calçadão existe um grande conflito de poder, que se constitui em disputa pelo território, para a venda de suas mercadorias, entre os lojistas e o comércio ambulante que convivem no mesmo espaço. Deve se levar em consideração que mesmo com a reconfiguração espacial o comércio ambulante não deixou de existir, vendendo inúmeros produtos, e o que houve foi um aumento significativo no número destes, acarretando a padronização do comércio ambulante pela própria prefeitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para Fani (1990) o processo de industrialização intensificou o fenômeno de urbanização a ponto de ambos se tornarem indissociáveis. Produziu-se um novo urbano a partir da criação de novos padrões de produção e consumo. Foram criadas novas formas de convívio entre as pessoas a partir da construção de um novo modo de vida.

Segundo Freitas (1998) a urbanização é vista como uma das formas mais brutais de organização do espaço e da sociedade, pois ela implica não só uma revolução na organização do espaço físico, como também no próprio corpo social da maneira de ser e de viver do homem e da sociedade. Ficando explícito de que as transformações do espaço impõem novas estruturas.

Deste modo, destaca-se que a partir da década de 1960, os interesses das autoridades era construir uma imagem de Feira de Santana desenvolvida, equitativa com a região sudeste do Brasil. Aliado a essa perspectiva nacional, fora implantado na mesma o Centro de Abastecimento e o Centro Industrial do Subaé (CIS), o que desencadeou uma crescente urbanização, que atraiu pessoas de outras regiões e impulsionou à atividade comercial, e esta foi se desenvolvendo de forma intensa, colaborando para o reordenamento dos espaços, o que aprofundou as desigualdades sociais ao reorganizar os lugares dos grupos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARLOS, A. A. **Espaço e indústria**. 3. ed São Paulo: Contexto, 1990. 70p.
- OLIVEIRA, A. C. S. **Feira de Santana em tempos de modernidade**. Olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960).
- OLIVEIRA, C. F. R. M. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. Salvador, BA, 2000. 128p Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia.
- PACHECO, L. P. B. **Trabalho e costume de feirantes de alimentos: Pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana (1960/1990)**.
- POPINO, R. E. **Feira de Santana**. Bahia: Editora Itapuã, 1968.